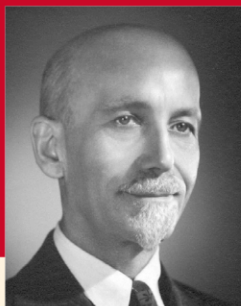


Paul Brunton



VISLUMBRES



IRDIN

VISLUMBRES

Paul Brunton

VISLUMBRES

Extraído de THE NOTEBOOKS OF PAUL BRUNTON

Copyright © 2007 Associação Irdin Editora

Publicado com autorização da Larson Publications,
editores de *The Notebooks of Paul Brunton*
Seleção dos textos: Paul Randy Cash

Capa: Ana Regina Nogueira

1ª edição: 2007
2ª impressão: 2015

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA
Caixa Postal 2 – CEP 37225-000
Carmo da Cachoeira, MG – Brasil
Tel.: (55 35) 3225-2252 | (55 35) 3225-2616
www.irdin.org.br

Impresso na gráfica Formato, Belo Horizonte, MG

INTRODUÇÃO

Paul Brunton (1898-1981), renomado jornalista, místico e filósofo, foi um dos mais dinâmicos autores espirituais. Nasceu em Londres, viajou extensivamente pelo Oriente e passou o resto da vida na Suíça.

Publicou vários livros de 1934 a 1952. Começou com uma odisséia em busca dos homens santos da Índia e terminou com “A crise espiritual do homem”. Desde então permaneceu no anonimato, compondo extensas anotações (compiladas e publicadas postumamente nos 16 volumes dos *Notebooks of Paul Brunton*). São uma ponte entre a espiritualidade do Oriente e o mundo Ocidental e demonstram que a

busca interior é para todos, até para pessoas com vida normalmente ativa. Seus temas vão de conselhos éticos a abstrusas noções de filosofia.

“PB”, como é conhecido, escrevia diariamente; transcrevia com rapidez as idéias conforme surgiam na inquebrantável quietude de sua mente, captando flashes de profunda inspiração e os anotando até mesmo no verso de envelopes ou ao longo das margens de jornais enquanto caminhava entre os jardins floridos do lago Léman, em Genebra.

Uma aura de gentileza e humildade emanava desse cavalheiro. Sabia que seu lar espiritual era Sirius e disse que para lá retornaria. Sua espiritualidade brilhou como um farol, mas nunca aceitou discípulos, dizendo: “Vocês devem encontrar seu próprio PB dentro de si mesmos”.

VISLUMBRES

A Busca não apenas começa no coração,
mas também nele termina.



O tempo que o aspirante leva para progredir depende de vários fatores mas, sem dúvida, o mais importante de todos é a força do anseio pelo Supremo em seu coração.



Quando nos deparamos pela primeira vez com o mistério existente no âmago do coração e na essência da mente, nada sabemos sobre ele, exceto que é a fonte de nosso ser e que possui poder e inteligência que transcendem totalmente nosso próprio poder e

inteligência. No entanto, sentimos que ele faz emergir nosso amor e, em nossos melhores momentos, inspira nosso caráter.



Você sente a Presença de algo superior a si mesmo, algo sábio, nobre, belo e digno de toda a reverência. Entretanto, isso é você mesmo – a melhor parte, finalmente desabrochada e expressa.



Jesus comparou o Reino do Céu a um grão de mostarda, alegoria utilizada pelos judeus para indicar algo extremamente pequeno. Por que o fez? Porque, quando começa a se manifestar, o Reino não é uma experiência, mas uma intuição, e esta se inicia como um indício extremamente tênue e pequeno.



A intuição surge indiretamente no êxtase estético, na criatividade intelectual, nas agu-

lhadas da consciência, no anseio de alívio para as aflições ou de paz de espírito. Ocorre diretamente apenas na realização mística.



As energias maléficas e as forças destrutivas que em nossos dias se encontram por toda parte indicam-nos quão forte é o mal que se mistura com o bem no coração da humanidade.



Há um impulso interno que chega ao coração de algumas pessoas, não de todas, e as convida a acreditar na existência de um poder superior. Embora não saibam com exatidão o que fazem quando o aceitam, sentem que é e continuará sendo algo tremendamente importante. Dentro delas, o trabalho está acontecendo.



O que falta aos corações de hoje é um sentimento de reverência diante de indiví-

duos inspirados e de profundo respeito ao pensarmos no Poder que existe por trás do universo.



Aqueles que sentem um vazio no coração apesar das realizações mundanas e das poses podem estar inconscientemente ansiando pelo Eu Superior.



Embora se encontre no próprio coração dos seres humanos, o Eu Superior está muito distante de seu atual nível de consciência. Entretanto, nada poderia estar mais próximo; esse é o supremo paradoxo de nossa existência e o mais estranho enigma que desafia nosso pensamento.



O primeiro sinal dessa sensação de futilidade (na vida mais profunda do coração)

pode passar negligenciado e despercebido. Mas ela retornará, muitas e muitas vezes, e crescerá rapidamente até que a insatisfação de uma vida totalmente materialista e a transitoriedade da felicidade apenas terrena sejam reconhecidas e aceitas. Nessa fase negativa, tem início a vida interior da humanidade moderna.



Uma intuição surge na mente de forma repentina. O mesmo acontece com o impulso. Portanto, isso não é suficiente para identificá-la. Ela é forte; o impulso também. É clara; o impulso também. Para distinguir a aparência enganosa da realidade genuína de uma intuição, busque a trilha de garantia, alívio e paz que segue no seu rastro.



Por se originar do interior, a intuição traz sua própria autoridade. Quando se trata da

“coisa real”, você não precisa duvidar, examinar nem comprovar sua autenticidade, nem recorrer aos outros para que avaliem seu valor ou a rejeitem como uma pseudo-intuição. Você saberá, *com toda certeza*, o que ela é, da mesma forma que sabe quem você é.



Há breves momentos fugazes, que todo verdadeiro artista conhece e que todo aquele que ama profundamente experimenta, nos quais a faculdade de concentração se une à emoção da alegria, criando uma indescritível sensação de equilíbrio no ser. Tais momentos são de caráter místico.



O Eu Superior não é um frio conceito metafísico nem uma onda passageira de emoção. É uma *Presença* – sublime, sagrada e benéfica – que se apodera de seu coração, de seus pensamentos e de seu corpo pelo

próprio poder misterioso dela, que o faz ver a vida de um ponto de vista mais nobre.



Quando você estiver plenamente consciente da presença do Eu Superior, descobrirá que ele espontaneamente lhe fornecerá uma regra de conduta e um padrão ético, sempre e em quaisquer circunstâncias. Em consequência disso, você jamais deixará de saber como agir em situações morais difíceis nem como proceder nas desafiadoras. E com esse conhecimento virá também o poder para colocá-lo em prática.



Desse aparente vazio no profundo do seu ser emerge uma paz de espírito, uma liberdade emocional, uma sensação da presença vivente de Deus que as asperezas do mundo não podem remover.



O surgimento da sagrada presença automaticamente extingue os desejos inferiores. Manter-se conectado a ela onde quer que você esteja e o que quer que faça, como se fosse sua verdadeira identidade, irá ajudá-lo a estabelecer essa libertação como um fato duradouro.



Quando a estrela de seu Eu Superior ascender à supremacia, você não mais se sentirá só, mesmo que freqüentemente fique sozinho. A sensação da fraternidade do universo irá envolvê-lo, abraçá-lo.



Se a consciência de Deus em você o torna muito forte, a consciência de sua dependência dele o mantém muito humilde.



Todas as tensões nervosas dissipam-se nessa sagrada quietude. Uma inigualável sensação de bem-estar toma o lugar delas.



Que ninguém imagine que o contato com o Eu Superior seja uma espécie de devaneio ou estado agradável, ilusório. É um relacionamento vital com uma corrente de paz, poder e benevolência que incessantemente flui do centro invisível para o eu visível.



É um estado de consciência em que o “aqui” é universal e o “agora” dura para sempre.



Há uma percepção da total ausência de tempo, um sentido do caráter infinito do ser interior.



Não se trata de algo frio, austero ou desumano, mas de uma cálida serenidade, uma profunda e luminosa paz.



Quando você se recolhe em seu centro, volta-se ao ponto onde o vislumbre da verdade pode ocorrer.



Esses são os únicos momentos na vida em que apreendemos quase que imediatamente a verdade como ela é, incólume às interferências do ego.



Durante esses momentos inesquecíveis, a Alma lhe falará de maneira clara, ainda que silenciosa. Poderá revelar-lhe seu verdadeiro relacionamento com o universo e com seus semelhantes. Certamente falará sobre Si mesma. Poderá separá-lo de seu corpo e deixar que o observe como se fosse do alto o tempo suficiente para que compreenda que ele é realmente sua parte mais pobre e menos significativa. E talvez, o que é melhor,

certamente o preencherá com a garantia de que, após o seu retorno ao mundo de luta solitária e rápido esquecimento, Ela continuará bem próxima, sempre a seu lado.



Um vislumbre pode enaltecê-lo e inspirá-lo, mas, acima de tudo, comprova o fato de que você é essencialmente Espírito. Esse é o tipo mais comum de vislumbre, porém existe outro que, além de realizar essas coisas, também abre portas misteriosas e proporciona uma visão do funcionamento de leis secretas e processos ocultos na Natureza, no mundo e na vida da humanidade. Este pode muito bem ser chamado de “revelação”.



O início de um vislumbre pode apresentar-se de forma vaga, como um sonho, levemente sugestivo; porém, se permitirmos que atue e permanecermos passivos, ele se

tornará uma vívida consciência, pacífica ou alegre, sábia e fortalecedora.



No caso de pessoas que não estão conscientemente buscando a realidade ou a verdade, o vislumbre também pode vir, mas pode ser afastado, recusado e rejeitado. Isso pode ocorrer em função do caráter mundano, da crença materialista ou do excesso de extroversão dessas pessoas. O primeiro leve prenúncio do vislumbre é suprimido e sua importância simplesmente não é reconhecida. Mesmo se sua beleza suave e serena for por um momento percebida, será posta de lado como mero devaneio. Assim essas pessoas negam, inconscientemente, o mensageiro e perdem o que poderia ter sido uma oportunidade preciosa de descobrir o que nelas há de melhor.



Uma sensação de delicada doçura pode surgir em seu coração. Se for assim, você deve entregar-se a ela completamente.



Aonde o coração for, para lá também, mais cedo ou mais tarde, irão as outras faculdades. Eis por que é tão importante *permitir* que o Eu Superior se apodere do coração mediante sua total entrega na e à Quietude.



Esses vislumbres surgem nos momentos e lugares mais inesperados. Não é possível ser dogmático e ao mesmo tempo correto quanto ao seu aparecimento. Relatos revelam que tanto podem vir repentinamente, em momentos de tensão ou pressão gerados pelos negócios ou atividade profissional, como durante um relaxamento em momentos de lazer, no início, meio ou fim do dia, durante momentos agradáveis ou em meio a um grande sofrimento.



A conquista pelo Eu Superior não ocorre sempre da mesma maneira; muda conforme a hora e a ocasião, a pessoa e o lugar. Pode ser delicada, silenciosa, quase imperceptível no início ou pode vir como uma tremenda força, imponente e irresistível.



Às vezes você sentirá claramente que está sendo conduzido a uma experiência, a um estado de ânimo ou a uma idéia. Outras vezes, poderá sentir-se atraído para o seu interior muito profundamente, como se as próprias raízes de seu ego fossem penetradas. Mais raramente, pode acontecer de ser levado a transcender o próprio ego.



Quando essa consciência se apodera de você, ela o faz de surpresa. O infinito é tão completamente diferente daquilo que você

estava experienciando alguns minutos antes que seu encanto, sua verdade, sua beleza e seu amor abruptamente o preenchem, como numa descida do céu.



A iluminação é sempre “súbita” no sentido de que, durante a meditação, devaneio ou relaxamento, o período de prévia concentração do pensamento em geral vai-se desenvolvendo na consciência de forma bem lenta até que, em algum momento inesperado, há um repentino aprofundamento seguido por um deslizar para outra dimensão, um encontrar-se vivo num novo ambiente.



Um vislumbre não é mera repetição do anterior; é uma experiência nova.



O vislumbre pode vir tão suavemente à consciência que o início quase nem é per-

cebido, ou pode vir numa velocidade que o deixe estarrecido. Com ele, conhecimento, compreensão, significado, nobreza e divindade preenchem a aura a seu redor naquele momento.



O vislumbre é o que o nome pretende expressar e não deveria ser considerado como algo mais, como a mais plena abertura da mente à verdade divina. Mas, logicamente, pelo fato de haver diferentes habilidades e temperamentos em diferentes pessoas, um vislumbre pode ser mais amplo do que outro ou apresentar-se de forma menos semelhante.



Os vislumbres não são completamente uniformes em seus detalhes. Cada um dá ênfase distinta a aspectos particulares, tais como Beleza, Poder, Impessoalidade ou Vazio.



Uma vez que não existem dois seres humanos exatamente iguais, quer no corpo, quer na mente, o tipo de vislumbre que cada pessoa experimenta, a maneira como cada um sente e recebe a pressão do Eu Superior, está em total conformidade com a necessidade pessoal e não com um padrão fixo e estereotipado para todos.



O vislumbre irá tocar cada indivíduo de forma única, embora a sensação de estar dando um passo da escuridão à luz seja comum a todos.



Quando o vislumbre vem pela primeira vez, traz um arrebatamento de admiração. Isso naturalmente se deve, em parte, ao caráter extraordinário da descoberta do Eu Superior e também ao fato de ser algo novo,

jamais antes experimentado. Por isso, o arrebatamento não irá se repetir, mesmo que a experiência volte a ocorrer diversas vezes, mas a admiração sempre permanecerá.



Há o mais profundo sentimento no vislumbre, o que de modo algum significa que seja histérico. Pode ser extremamente calmo. Pode ser fortemente passional, mas nesse caso estará sob total controle – não do ego, mas do poder superior.



Quando você começa a se conhecer como na realidade é, quando experimenta o maravilhoso toque do Impalpável, você se sente verdadeiramente vivo.



Nesse momento abençoado, você se encontra *livre* como nunca antes, pois se encontra sem as perplexidades do intelecto e sem as maquinações do ego.



Nesse breve intervalo em que você se sente na presença do Eu Superior, em que a benevolência, a paz e a sabedoria se tornam vivas realidades eternas, ao invés de meras palavras zombeteiras, a pequenez desaparece da vida e uma grandeza sagrada a substitui.



A experiência é o sentir mesclado com o conhecer, mas o sentir é tão delicioso quanto a flor do pessegueiro, e o conhecer tão certo como o nascer do sol.



Os vislumbres variam muito em sua natureza: alguns são suaves, brandos e delicados, calmos e contidos; outros são extáticos, enlevados e excitados. Todos trazem algum tipo de elevação, exaltação, iluminação ou revelação em graus igualmente variados.



É um estado de refinada ternura, de um amor que jorra de um centro interno e se irradia para todas as direções. Se outros seres humanos ou animais se põem em contato com você nesse momento, tornam-se receptáculo desse amor sem exceções, pois então nenhum inimigo é reconhecido, não há desafetos e é impossível considerar quem quer que seja repulsivo.



Quando a atitude egocêntrica extremamente pessoal é pela primeira vez deslocada pelo Eu Superior, há uma sensação de aguda libertação e total alívio.



Com o vislumbre, um sentimento preenche seu coração de benevolência em direção a todos os seres vivos – não só humanos, mas também animais e não apenas animais

mas até mesmo vegetais. Você não iria, não poderia, intencionalmente causar dano a nenhum deles. A isso os cristãos chamam amor, os budistas compaixão e os hindus unicidade. Meu próprio termo é boa vontade, mas todos estão certos. São facetas diferentes, vistas de ângulos diferentes.



Nesse estado maravilhoso você se torna profundamente consciente do amor que está no centro do universo e, portanto, em seu próprio centro também. Mas você não apenas o absorve, também o irradia. Não é algo para ser guardado com egoísmo, como uma posse material. É dado assim como é recebido.



As coisas do mundo ficam bem distantes de você, e um grande encantamento vai aparentemente ser posto em sua mente irrequieta até que você mal se lembre de no-

me, parentesco ou país, e pouco se importe. Você se encontra em um estado de ânimo reluzente, onde lhe é oferecida uma pausa quanto a pesadas preocupações e descanso quanto a pensamentos corrosivos. Você toma consciência da secreta subcorrente de sagrada paz que silenciosamente flui por baixo do coração.



Ainda que em geral você experimente sua suavidade, haverá momentos em que sentirá apenas uma força abalizada e imperativa, em que um tremendo poder se manifestará e comandará algum episódio ou evento.



Não só está o Reino do Céu dentro de nós, mas nós mesmos estamos dentro dele. Podemos descobrir isso como uma experiência psíquica e visual, como ocorre com alguns, ou simplesmente por meio da experiência de sentir e saber que Tudo é Deus.



É uma transparência porque você se sente aberto, permitindo que um raro estado de ânimo o penetre. É também uma transcendência porque você se sente içado de seu “eu” comum e, quando recolocado, está num nível mais elevado.



Reverência pela presença divina preencheu meu coração, admiração ante a divina maravilha permeou minha mente.



Quando você se encontra nessa consciência mais ampla, sente-se em casa. Externamente poderá não ter um teto que abrigue sua cabeça, mas ainda assim se sentirá protegido, seguro e suprido. Seu sentimento e sua confiança não são infundados, pois a seguir virá a manifestação externa dessa proteção interna.



Você compreenderá que, enquanto o Eu Superior o cingir assim, jamais poderá sentir-se solitário como antes, jamais pensará que o mundo acabou porque algum amor humano lhe foi negado ou retirado.



Nesse elevado estado de espírito, que traz consigo tanta boa vontade e *insights*, como de fato traz, você tende a ignorar mal-entendidos e hostilidades que no passado lhe causaram ressentimento ou mesmo sofrimento.



Nessa grande luz todos os afazeres e preocupações do ego parecem diminutos; ante aquela etérea beneficência todo mal e toda loucura do mundo se assemelham a um pesadelo que rapidamente recua.



É uma experiência enobrecedora, que sacode por alguns momentos ou horas tudo que em você é vil, tudo que é mesquinho, egoísta e tacanho. Mas talvez o enorme contentamento com que ela o preenche seja ainda mais maravilhoso. Os desejos se dissolvem, e com eles a frustração, a ansiedade, a desesperança e a expectativa que os acompanham quando permanecem não realizados.



Quando você passa da vida temporal do ego para a libertadora atemporalidade do Eu Superior, a sensação de confinamento cai como um pesado manto. Você experimenta uma alegria jamais imaginada.



Esse maravilhoso e refinado sentimento na realidade está em seu interior, e é só você

que inconscientemente o transfere às cenas e pessoas que o rodeiam, percebendo assim a bondade e a beleza em toda parte.



Se a relação sexual entre um homem e uma mulher é o ato mais íntimo na vida de ambos, o contato consciente de um ser humano com o Eu Superior é ainda muito mais íntimo.



Sua consciência se eleva a um outro modo de ser; seu pequeno eu se comunica com o Eu Superior; sua percepção da verdade instantaneamente se converte em poder para vivê-la.



Nesses momentos você é preenchido por uma fluente inspiração, uma esplêndida esperança e um vívido entendimento.



O vil, o sovina, o indigno e o baixo parecem estranhos e distantes de você: o nobre, o elevado, o verdadeiro e o ideal parecem tornar-se sua própria natureza. Desse raro contato você extrai uma paz indizível, uma divina elevação.



Nesses momentos gloriosos a consciência do mal no mundo se esvai; em contraposição, a continuidade da bondade original permanece intacta.



A sensação de bem-estar que vem com o vislumbre se espalha pelo corpo, ilumina a mente e reluz nas emoções.



À medida que sua beleza o penetra e afeta toda sua natureza sensível, todos os seus res-

sentimentos contra as outras pessoas, contra a vida em si, se dissolvem.



O vislumbre traz uma sensação de encantamento. É a abertura de uma porta secreta. O efeito é o de uma liberação mágica das cargas e de uma inundação de esperança.



Não é apenas um sentimento a que você se rende, mas também uma maneira de ser na qual você se instala.



Você toca o Permanente, sente que seu verdadeiro eu é parte da eternidade e que esse outro eu é uma coisa tola, e você se alegra por dela se livrar.



À medida que seu ser interior se ilumina, você sente a proximidade de Deus, experi-

menta um amoroso relacionamento com Ele, conhece a imortalidade de seu próprio ser e aceita a exatidão de tudo que há pelo universo afora.



Você se sente recolhido às profundezas do silêncio, envolvido por ele; e então, oculto em seu seio, intui o misterioso, inexplicável, invisível e superior poder que jamais deverá ter nome algum.



É uma experiência de completa segurança – tão rara de encontrar entre as pessoas do mundo hoje em dia.



Quando esses raros momentos descem tranqüilamente sobre você, você se sente humilde e sensibilizado.



Nesses momentos o ar parece cálido e agradável, o universo, repleto de cordialidade.



O ego desliza dos seus ombros como um pesado sobretudo, e você se sente deliciosamente livre.



Nesse belo estado de ânimo, você é tomado por uma perfeita folga. Tem agora todo o tempo que precisa. Não há jamais necessidade alguma de pressa, tensão nem ansiedade.



Você descobre uma nova alegria no profundo do seu ser, um novo e mais elevado sentido nas profundezas da vida.



Você pode atingir um ponto de, em raros intervalos esporádicos, se retirar tanto para o

seu interior, tão longe dos sentidos do corpo que fica totalmente separado deles. Se isso ocorrer, você obviamente estará de todo desligado do mundo físico também. Isso leva o corpo a um estado muito semelhante ao do sono, do ponto de vista de um observador externo, ainda que não seja o sono que as pessoas normalmente concebem. Será ou algo mais nítido e mais vívido do que o mais memorável de todos os seus sonhos, ou então será inteiramente desprovido de incidentes visuais ou cenas pictóricas. No primeiro caso, será perfeitamente racional e altamente instrutivo, ainda que singular, estranho e místico. No segundo, será uma percepção consciente apenas do Eu Superior, sem eu pessoal algum para Ele inspirar.



O vislumbre traz a certeza de que a Alma existe, de que Deus é, de que o propósito da vida humana precisa incluir a realização espiritual para ser completo e de que o Bem,

o Belo e o Verdadeiro são mais duradouros e mais recompensadores que o Mau, o Feio e a Mentira.



A experiência confirmará o que você já havia sentido vagamente ou então contradirá aquilo em que você erroneamente acreditava.



Esses curtos vislumbres não pertencem à vida comum; de fato, manifestamente revelam sua lamentável mesquinhez e confusão, sua miserável falta de propósito e insatisfação.



O vislumbre oferece inegável confirmação da crença num princípio divino, certeza absoluta de que ele governa o mundo e renovada garantia de que um dia todas as pessoas obedecerão ao seu benigno estímulo à bondade e à sabedoria.



Quem já provou a imensurável alegria da paz do Eu Superior não vai querer minguar-se novamente à limitação do pequeno eu, pois saberá então que o Infinito, o Vazio, o Transcendente – como quer que se chame a perda do ego – não é uma perda da felicidade, mas uma ilimitada ampliação dela.



É como se seu ser interior se clareasse, tornasse transparente, e as obscuridades que encobrem sua essência se dissipassem.



Se o vislumbre for acompanhado de uma revelação, então você compreenderá mais sobre o assunto ou assuntos a ele relacionados do que jamais havia compreendido antes.



Cada vislumbre traz uma graça. Pode ser uma mensagem ou um despertar, uma revelação ou uma advertência, uma reconciliação ou uma confirmação, um fortalecimento ou uma brandura.



A experiência não é nem uma suposição abstrata nem uma série de pensamentos intelectuais. É sentida de forma muito íntima e pessoal. É imensuravelmente mais convincente que qualquer cadeia de pensamentos poderia ser, por mais lógicos e plausíveis que fossem.



Sua perspectiva torna-se mais ampla, seu entendimento mais lúcido, sua intuição mais imediata.



Com o vislumbre vem um curioso sentimento de certeza absoluta, certeza feliz,

de total ausência de dúvidas. A verdade *está* bem diante de você, e você a percebe profundamente em seu interior.



Essa experiência da unicidade suprema de todas as coisas e da nossa parte nessa unicidade é, com certeza, muito conhecida na experiência mística – em especial no misticismo da natureza, mas também em alguns tipos de misticismo religioso e, certamente, no filosófico. O primeiro efeito é o de fazer-nos sentir que não estamos sozinhos, que o universo nos está ajudando, que não precisamos ser esmagados por ansiedades, preocupações e medos – todos pertencentes ao pequeno eu. Tal experiência é, de fato, um excelente antídoto para essas sensações.



Como se caísse a faixa dos olhos de um homem vendado, claramente virá à sua compreensão o reconhecimento de seus er-

ros, imprudências e falhas do passado – todos conseqüência de seu ignorante apego ao ego. Essa é a visão que lhe poderá vir antes que você comece a se purificar.



Uma revelação vívida, intensa e autocrítica de quão “pecaminoso” você tem sido pode surgir após, acompanhar ou preceder o vislumbre. Pode chacoalhá-lo até os ossos. Mas não se pode dizer que você sinta que traiu seu melhor e mais elevado ser, assim como não se pode dizer que uma criança tenha traído o adulto em que ainda não se transformou. Você compreende isso ao mesmo tempo e então perdoa a si mesmo.



Aquele glorioso vislumbre, em que o Todo é banhado na luz do entendimento e a realidade subjacente se revela e o deixa enriquecido, é como se caísse a teia de ilusão que envolvia a mente.



Nesse momento de iluminação você pode contemplar a imagem de seu próprio eu, ver o que há de melhor e de mais elevado nela e aceitá-lo como seu ideal e meta dali em diante.



Perceber o “x da questão” que resolve o problema da existência, vislumbrar de súbito o que isso tudo significa e perceber como estava lá, encarando-o o tempo todo, pode levá-lo a prorromper em gargalhada de si mesmo.



Você sabe, a partir dessa experiência, que começa a viver um amor que o mundo em geral desconhece, uma bondade que ele raramente vê em ação e um entendimento que ilumina os lugares sombrios ao longo da vida.



A grande experiência logo acaba, o *insight* liberado não dura mais que poucos minutos ou horas, mas sua lembrança perdura. É uma deleitosa prelibação e cálida antecipação daquilo que seu contínuo desenvolvimento espiritual pode trazer. Ela o eleva muito acima de si mesmo e além do seu estado de consciência normal, possibilitando uma compreensão mais aguçada e criando uma solidariedade mais profunda.



Se a experiência não for de todo compreendida, se ocorrer a alguém muito despreparado para ela, ou se vier prematuramente demais, poderá ser um pouco mal entendida e sua lição um pouco mal interpretada. Nesse caso, a vontade para agir pode tornar-se paralisada, e a mente ocupar-se em demasia com coisas fúteis e efêmeras.



Essas sagradas visitações não devem torná-lo convencido, nem orgulhoso, nem inflar seu ego, nem fazê-lo ficar fora de si. Se isso ocorrer, você estará em perigo espiritual, de forma que aquilo que deveria ser uma bênção se torna maldição.



Essas visitações de uma elevada presença podem iludi-lo, levando-o a crer que alcançou um grau mais avançado do que na realidade atingiu. Neste caso, você poderia achar que essa luz e força permanecerão sempre com você. Sendo assim, pode mergulhar em reações emocionais de desânimo e desapontamento quando elas refluírem. Seria melhor recebê-las com gratidão, assim como ver sua partida como um teste de sua resignação ao Eu Superior e de sua confiança de que o trabalho interior dele não está equivocado. Ele sabe muito bem o que está fazendo em e por você.



Depois que o vislumbre já tiver passado – e um aviso de que ele normalmente faz isso é necessário aos iniciantes – podem instalar-se no ser tanto gratidão por sua visitaçào quanto desalento por sua perda.



Tais momentos são tão preciosos que, quando descobrimos que são irrecuperáveis, uma profunda melancolia geralmente recai sobre nós.



O sentimento de *pertencer* ÀQUILO a que todos os universos também pertencem fica com você assim que o vislumbre termina. Se, como uma plena realizaçào, isso passar com a experiênciã, um resplendor permanecerá como que um resíduo, uma forte convicçào persistirá por anos a fio.



O mero fato de saber que teve tal vislumbre lhe dá certa tranqüilidade na vida, traz alguma segurança interior e certo grau de fé de que um poder superior está cuidando do universo e, portanto, de você.



Você irá, no mínimo, ganhar uma concepção mais ampla da vida e, no máximo, um caráter enobrecido. Melhor ainda, você irá sentir pela primeira vez o que significa conseguir equilíbrio interior.



O vislumbre pode dar-lhe uma dinâmica carga de força ou destituí-lo de toda agressão, a depender da necessidade ou fase específica do momento.



O vislumbre é impermanente e suas satisfações, fugazes; porém, deixa um resquício de esperança e revelação que os prazeres impermanentes e fugazes do mundo jamais podem oferecer.



Os que têm esse vislumbre não são necessariamente pessoas melhores que as demais, nem mesmo mais sábias. Mas, após tê-lo, o resultado infalivelmente as deixa melhores e mais sábias. Sua bondade, no entanto, não será do tipo externamente avaliável pela aprovação mundana, nem sua sabedoria pelo sucesso mundano.



Os efeitos posteriores ao vislumbre são às vezes diametralmente opostos. Uma pessoa se enche de orgulho, exulta por ter sido *ela* quem o recebeu, enquanto outra se torna mais humilde devido a ele.



São vários os efeitos do vislumbre: desperta mentes adormecidas, encoraja mentes que buscam, inspira mentes sérias e acelera mentes em crescimento.



O vislumbre deixa certas pessoas abismadas pela surpreendente inversão de algumas de suas mais caras idéias, crenças e opiniões.



É um poder que o afeta de maneira estranha. Ao mesmo tempo que o isola das outras pessoas, o une a elas. Você se sente isolado porque o fato de o vislumbre ter ocorrido em um nível mais elevado da consciência o faz sentir-se como um estranho visitante do espaço que acaba de chegar ao nosso velho planeta. Porém, você pode usufruir a sensação de SER, quer esteja só, quer rodeado de pessoas.



A simples descoberta do que você realmente é conduz a amplas implicações. Você vê seus objetivos na vida, suas metas e ambições, seus desejos e atitudes sob uma luz diferente. O vislumbre passa, mas a lembrança permanece, e o efeito sobre eles é perturbador. Você começa a sentir uma nova inquietação em relação a eles.



A questão de alguém ser místico ou iogue pode ser facilmente resolvida, desde que compreendamos qual é seu estado de consciência e o que a condição mística realmente é. Todos os anais do passado mais longínquo e todas as experiências do presente mais atual nos informam que quem quer que entre nela sente seu egoísmo natural ceder, suas ardentes paixões se abrandarem, seus agitados pensamentos se aquietarem, suas perturbadas emoções se pacificarem, sua ha-

bitual visão do mundo se espiritualizar e toda sua pessoa ser apanhada por um beatífico poder divino. Você já teve esse tipo de consciência? Suas palavras e ações, sua presença pessoal e sua autotraição psicológica deveriam proclamar em unísono o que você é. Ninguém que habitualmente entre em tal estado abençoado jamais se permitiria odiar ou ferir um semelhante.



Outra finalidade desses vislumbres é a de lhe mostrar quão ignorante da verdade você realmente é e assim estimular seu esforço para se livrar dessa ignorância, pois eles irão iluminar a natureza ilusória ou dogmática de tudo aquilo que até então você julgava ser verdade.



O vislumbre não lhe é concedido simplesmente para seu prazer e satisfação; certos deveres de autopurificação e obrigações

de auto-aperfeiçoamento seguem no seu rastro. A luz que ele lança sobre você é também lançada sobre seus pecados e fraquezas. Você os vê mais claramente, como na verdade são, bem como a retificação que deve fazer. Mas vê também o perdão que a Graça concede.



Durante o vislumbre você se abandona e encontra em seu interior um ser que o transcendeu. Após o vislumbre, você tem a oportunidade de estabelecer uma relação consciente entre eles. Sua vida externa deve trazer a marca desse extraordinário acontecimento.



Alguns (talvez muitos) acreditam que o vislumbre os tenha transformado definitivamente, fazendo do velho Adão um “novo homem”. Porém, o que é para sobreviver ao próprio tempo requer tempo. Uma patética auto-ilusão pode deleitar o ego, mas no final ela acaba sucumbindo.



Sua condição humana não deixa de existir devido a essa experiência; ela retorna e continua sua condição usual. Apenas os ensoberbecidos megalomaníacos afirmam o contrário.



Não podemos conhecer a Verdade e ainda permanecer como éramos antes. Eis por que a Verdade nos chega por meio de vislumbres, pois não podemos nos manter por muito tempo separados de nós mesmos, ou seja, do nosso ego.



Se ele logo se dissipar, é um vislumbre. Se você puder nele permanecer cada minuto de sua vida de desperto, é iluminação.



A venturosa experiência do Eu Superior pode ocorrer rapidamente durante a meditação. Chega abruptamente. Num momento você é seu habitual eu egoísta, lutando contra seus pensamentos inquietos e sentimentos tumultuados. No momento seguinte o ego repentinamente se acalma, e todas as suas faculdades se aquietam. Tudo o que você tem a fazer é não resistir à divindade que está se apoderando de você, recebê-la amorosamente, sem se empenhar com todo afinco. A chegada dessa experiência será identificada por vários outros sinais: o intelecto é suspenso; vontade, julgamento, memória e raciocínio são suavemente desativados. Uma profunda serenidade, antes desconhecida, apodera-se de você e uma primorosa calma instala-se em você. Nesses momentos de alegre beleza, o mais amargo passado é obliterado e a mais feia história é redimida. Com a mente profundamente tomada pelo Eu Superior numa atmosfera de exaltação, os aborrecimentos e fardos da

vida mal tocam os umbrais da atenção, os problemas de toda uma vida reduzem-se a nada, os medos do futuro regridem à insignificância. Sua visão do mundo torna-se ampliada, enobrecida e iluminada e deixa de ser totalmente limitada por interesses comuns. Por algum tempo, levantam-se os véus que lhe ocultam a verdade. A idéia de que você possui um Eu Superior, a convicção de que possui uma alma, irrompe em sua “pequena existência” com grande força reveladora, e você sente que está emergindo numa luz gloriosa após uma árida jornada através de um longo túnel escuro.

O Eu Superior está entronizado. Você percebe profundamente Sua presença nos seus sentimentos mais internos. Nada em sua experiência, intelectual ou emocional, jamais teve para você um êxtase tão satisfatório, um contentamento tão paradisíaco, pois o deleite dos níveis superiores da experiência mística, ao contrário do deleite da experiência passional terrena, nunca fenece,

mas continua sempre novo e vívido como se encontrado pela primeira vez. O mundo toma a textura de um agradável devaneio; seus pés caminham pelos ares. Jubilosa, maravilhada, irresistivelmente você se torna aquilo que buscava.



Esses vislumbres são algumas vezes acompanhados por um breve estado de êxtase, em que o mundo em parte desaparece da consciência, e o corpo permanece totalmente imóvel. Uma indescritível leveza irá perpassar sua cabeça. O lampejo parece que imobiliza seus pensamentos e mantém seu corpo rígido por algum tempo na mesma posição e lugar em que o encontrou. Tal posição não deveria ser de forma alguma alterada. A mente inferior, sempre irrequieta, tentará sugerir todo tipo de desculpas para justificar tal mudança, mas você deve resistir e rejeitá-las. Até mesmo o pretexto de que seria melhor dirigir-se ao seu lugar habitual

da meditação não deve ser aceito. A contemplação deveria começar e continuar até o fim exatamente no mesmo lugar em que a luz inicialmente brilhou.



O momentâneo vislumbre do verdadeiro eu não é a experiência suprema. Há outra ainda mais maravilhosa pela frente, na qual você se sentirá unido a todas as criaturas viventes por elos invisíveis de grande compaixão altruísta. A separação será sublimada, conduzida a um nível mais elevado em que a Unidade universal será verdadeiramente sentida.



Não nos aproximamos de Deus ajoelhando-nos nem prostrando-nos ao solo, mas num nível profundo de nossos corações. Não sentimos Deus por meio de nossas emoções, assim como não conhecemos Deus por meio de nossos pensamentos. Não! Sentimos a

presença divina naquela profunda quietude que não é deste mundo, onde não podem entrar nem os ruídos do clamor emocional, nem os da estridência intelectual.



Existem certos momentos, raros, em que intensa tristeza ou grande perda deixam a pessoa profundamente arrasada. É então que os desejos perdem temporariamente a força, as posses perdem seu valor e até a própria existência perde sua realidade. Você parece estar do lado de fora do corre-corre do mundo, cujas figuras esvoaçam de um lado para outro como personagens irrealis numa tela de cinema. Pior que tudo, talvez, seja o significado se esvaír da atividade humana, que se torna uma inútil tragicomédia, um incessante ir a toda parte sem chegar a lugar algum, um insano soar de instrumentos sem que nenhuma música seja criada, uma vaidade de todas as vaidades. É então que um terrível ímpeto de se suicidar pode aden-

trar seu sangue, e você vai precisar de todo o seu lastro mental para não se desfazer de si mesmo. Todavia, esses negros momentos são imensamente preciosos, pois podem colocar seus pés com toda firmeza no caminho superior. Poucos o percebem; a maioria se lamenta. A autodestruição para a qual você é compelido por essas terríveis experiências da vida não é o tosco ato físico em si, mas algo sutil – um suicídio do pensamento, da emoção e da vontade. Na verdade, você está sendo chamado a morrer para seu ego, a retirar de sua vida desejos e paixões, ódios e ambições e a aprender a arte de viver em total independência das coisas externas e em total dependência do Eu Superior. É o mesmo chamado de Jesus quando disse: “Aquele que perder sua vida a encontrará”. Assim, os pesares da vida na Terra não são mais que um meio transitório para um fim eterno, um processo pelo qual temos de aprender como ampliar a consciência do eu pessoal ao Eu Superior.



Mas descobrir a presença maior em seu coração é apenas o primeiro passo. O seguinte é entregar-se a ela, tornar-se dócil em suas mãos, deixar que dirija o curso de seus pensamentos, sentimentos e ações. Essa tarefa não será menos difícil nem levará menos tempo que a primeira. É de fato uma arte a aprender mediante prática incansável.



Há uma prática que pode levar a concentração a atingir a consciência do coração. Cultive um sentimento cálido e um devotado amor ao Eu Superior juntamente com uma introspecção ao coração. Concentre sua atenção lá, fisicamente. Prenda a respiração numa atitude de expectativa, da mesma forma que você prende a respiração momentos antes, por exemplo, de um famoso orador iniciar um importante discurso ou como uma galinha tentando chocar um ovo, dan-

do-lhe calor, expectativa e concentração. À medida que a atenção se aprofunda, você sentirá um impulso de interiorização vindo de todas as direções. Quando você tiver a sensação (que pode surgir durante a meditação ou a qualquer momento) de que se encontra no centro de um círculo, isso indicará que você tocou a consciência do coração. Esse exercício exige que pense menos e sinta mais.

Será de grande ajuda imaginar o coração como uma caverna. Você, como um ser consciente, deve entrar nessa caverna, percorrer toda a sua extensão, até que comece a ver na outra extremidade um pequeno raio de luz. Essa luz torna-se mais e mais forte à medida que você se aproxima dela. (Mas só se pode fazê-lo após a mente e as emoções se aquietarem o bastante; portanto, é preciso passar primeiro pela fase preliminar de concentração). Fixe firmemente toda a sua atenção sobre esse pequeno raio de luz, até que se expanda e o envolva em uma grande

luz. Imagine-o como o Eu Superior, visto e sentido. Um exercício e estágio posterior consiste em apenas *sentir*, eliminando totalmente o *ver*.



Há uma nítida sensação de algo como uma válvula abrindo-se na região do coração.



Se o mestre praticar a técnica da ajuda silenciosa a distância no exato momento em que sua mente estiver profundamente mergulhada no coração místico e aí introduzir a imagem mental do estudante, este de súbito passará por uma linda experiência. Sentirá uma abertura interior e uma outra consciência parecerá adentrá-lo. Então perceberá a real proximidade do mestre e irá experimentar algo da qualidade espiritual de sua aura.



Se você busca a Verdade, não deve haver espaço para falso sentimentalismo. Conseqüentemente, jamais utilizará a expressão “coração partido” em relação a si mesmo, pois, como você sabe, isso na realidade significa um ego partido, o rompimento de um apego a alguma coisa externa da qual deve abrir mão a fim de liberar o caminho para a chegada da Graça. É só quando você não quer ou não consegue fazê-lo por si mesmo que o destino entra em cena e, reconhecendo sua busca pela Verdade e Realidade, rompe por você seus apegos. Se não rejeitar, mas aceitar o sofrimento emocional daí decorrente, você estará apto a passar para uma região de maior liberdade e de progresso em direção a um nível mais elevado. Seu coração não se parte arbitrariamente ou por capricho, mas apenas onde é mais necessário – onde paixão, desejo e apego o prendem com intensidade à ilusão e ao erro.



Meditação calma, quieta e profunda é sinal mais evidente da divina presença em seu coração do que uma vibrante experiência psíquica ou uma arrebatadora emoção exaltada.



A percepção da unidade oculta entre sua própria vida e a vida de todo o mundo finalmente se manifesta como infinita compaixão por todas as coisas vivas. Dessa forma, você aprende a submeter sua vontade pessoal à cósmica, o mesquinho afeto egoísta ao desejo mais abrangente pelo bem-estar comum. A compaixão desabrocha plenamente em seu coração como a flor de lótus à luz do sol. Desse elevado ponto de vista, você não mais vê a humanidade como aqueles a quem serve de forma não egoísta, mas sim como aqueles que lhe dão oportunidade de servir. Você irá, súbita ou lentamente, experimen-

tar uma exaltação emocional que culminará numa total transformação do coração. Seu curso será marcado por uma profunda reorientação do sentimento em relação aos semelhantes. O egoísmo fundamental que de forma aberta ou camuflada até aqui o motivava será abandonado: o nobre altruísmo que até então parecia um ideal impraticável e impossível se tornará praticável e possível, pois uma profunda solidariedade em relação a todos os outros seres habitará em seu coração. Jamais lhe será possível voluntariamente prejudicar alguém; pelo contrário, o bem-estar do Todo se tornará seu objetivo. Nas palavras de Jesus, você “nasceu de novo”. Depois de buscar a Realidade e a Verdade, encontrará a felicidade suprema na busca do bem-estar não só para si, mas para todas as criaturas. A consequência prática disso é que você será inevitavelmente levado a se dedicar de forma incessante ao serviço e à iluminação de todos. Não será tão-só um eco da vontade divina, mas permitirá que

ela trabalhe ativamente em seu interior. E com o pensamento vem a força para assim proceder, a Graça do Eu Superior para ajudá-lo a conseguir com rapidez o que o eu inferior não consegue. Ao servir os outros, você pode parcialmente esquecer a perda da alegria do transe e compreender que o eu libertado que você experimentou na meditação interior deve equiparar-se ao eu expandido na ação altruísta.



Tudo o que há de negativo em seu caráter desaparece durante esse vislumbre, como se nunca tivesse existido, pois você sente que há pura harmonia no âmago das coisas, na Mente do universo, e que você por alguns momentos a tocou.



Nesses momentos há uma presença que amorosamente envolve o coração e de forma serena aquieta a mente. Isso leva a uma

harmonia nos relacionamentos humanos e à ausência de egoísmo nas relações morais. Se ao menos responder a isso, até mesmo um homem mau sentirá essa bondade e assim será bom enquanto durar o encanto.



O brilho dessa transcendência permanece no coração por muito tempo após sua real manifestação. Ele o permeia com uma felicidade que não é deste mundo e o preenche com solene reverência.



Os vãos ascendentes do noviciado do aspirante são obtidos à custa de quedas. Tanto faz parte de sua experiência dessa busca ser por vezes privado de todo sentimento de que o divino existe e é real, como de ter uma certeza de sua existência tão clara como a luz do sol.

No início, a experiência da realidade ocorre apenas em lampejos. Na verdade,

não é o Eu Superior que de forma tantalizante* aparece e desaparece diante do olhar do aspirante, provocando, dessa forma, uma alternância de momentos de feliz fruição e de deplorável esterilidade, mas sim a *Graça* amorosa do Eu Superior. Cada vez que ela é afastada, a primeira reação do aspirante é uma forte sensação de carência espiritual, aridez, escuridão e anseio. Isso traz muita infelicidade, descontentamento consigo próprio e frustração. Mas também traz ampliada e intensificada aspiração pelo que não é terreno e desgosto pelo que é terreno. Essa fase entretanto termina, e segue-se outra tão luminosa quanto foi escura a anterior, tão alegre quanto a outra foi infeliz, tão produtiva quanto foi estéril a primeira e tão próxima da realidade quanto a anterior parecia

* O termo “tantalizante” refere-se a Tântalo, figura mitológica grega que, segundo a lenda, por ter feito mal uso da energia divina era constantemente torturado pela sede e pela fome. Perto da água, esta se afastava dos seus lábios quando ia bebê-la; sob árvores cheias de frutos, os galhos se encolhiam quando tentava alcançá-los.

dela distante. Nessa sagrada presença ocorre um processo purificador. O velho conhecido e imperfeito eu cai por terra como as folhas de uma árvore no outono. Ele faz a radiante descoberta da bondade original do seu coração. Mas ai, quando a presença se afasta, o eu inferior retorna e reassume a soberania. Ao período de iluminação segue-se com freqüência um período de escuridão. Um avanço espiritual que chegue inesperadamente é em geral seguido por um período de retrocesso. Ao júbilo segue-se a depressão.

Uma prova ainda maior o aguarda. O Eu Superior exige um sacrifício sobre seu altar, tão absoluto e completo que até mesmo o inocente anseio natural por felicidade pessoal deve ser entregue. Como nenhum iniciante e poucos aspirantes de grau intermediário poderiam suportar essa noite escura da alma, como até mesmo discípulos avançados não o fazem sem se lamentar, ela é reservada tão-somente para o último grupo – o que significa que acontece num

estágio avançado do caminho, entre um período de grande iluminação e outro de sublime união. Durante essa fase, o místico irá sentir-se abandonado, emocionalmente fatigado e intelectualmente aborrecido a tal ponto que pode tornar-se uma alma enferma. Exercícios de meditação serão impossíveis e infrutíferos, as aspirações, mortas e sem atrativos. Poderá ser envolvido por uma terrível sensação de solidão. Poderá perder o interesse pelo assunto ou ser dominado pela idéia de que qualquer outro progresso esteja paralisado. Todavia, apesar das aparências em contrário, tudo isso é parte de seu desenvolvimento, que tomou um novo rumo, tornando-se mais completo e pleno. Durante esse período de escuridão, é muito comum que o estudante mergulhe em novos tipos de experiência. O Eu Superior o direciona a suportar provas e adquirir equilíbrio.

O aspecto mais perigoso da “noite escura” é o enfraquecimento da vontade, que ocorre juntamente com o reaparecimento

de antigas más tendências já esquecidas. Esse é o ponto em que o aspirante realmente está sendo provado e em que parte daqueles que alcançaram esse grau elevado não passa na prova e cai por muitos anos num inferior.

Mesmo Maomé teve que passar pela experiência da noite escura da alma. Ela durou três anos sem que uma única iluminação ou revelação viesse aliviar seu coração deprimido. De fato, até considerou a idéia de se matar para pôr fim àquilo, e, no entanto, sua suprema realização e a tarefa que abalaria o mundo ainda estavam por vir.

Aquele que passou por essa mais profunda e mais longa das “noites escuras” que precede realizações maduras jamais tornará a sentir excessivos júbilos emocionais. A experiência foi como uma operação cirúrgica que lhe extirpou tais contentamentos. Além disso, embora seu caráter permaneça sempre sereno, também será um pouco tocado por aquela melancolia que deve vir a quem quer que não apenas perscrutou as profundezas

da angústia da vida, mas também tem sido constante receptor das histórias de tristeza dos outros.

O aspirante pode descansar nesse estado passivo voltado sobre si mesmo por um breve período de tempo, no máximo por poucas horas. Os inexoráveis ditames da natureza o impelem a retornar a seu suprimido estado comum de vida ativa. Essa oscilação intermitente, para lá e para cá, entre a arrebatadora auto-absorção e o retorno à consciência comum o tantalizará até que perceba qual é a meta final. Terminará apenas quando seu egoísmo desaparecer. Até o momento, ele havia conseguido dominá-lo completamente apenas no estado contemplativo; agora deve dominá-lo em seu estado ativo comum. O ego, porém, não irá deixá-lo aqui a menos que o propósito de sua própria evolução tenha sido cumprido. Por essa razão, o aspirante deve completar seu total desenvolvimento, levar o ego à estabilidade e equilíbrio e então renunciar a ele por

completo. Da renúncia total do ego resulta uma unicidade perfeita, inquebrantável e permanente com o Eu Superior.



A alegria plenamente satisfatória que você está buscando nessa ou naquela coisa e que vem sempre acompanhada de algum modo ou em algum momento por desapontamento o está aguardando para sempre no fundo do mais profundo silêncio do coração. Mas você chega a ela apenas quando tudo o mais tiver falhado.



O esforço deveria ser o de encontrar quietude interior por meio de uma busca amorosa, nas profundezas do coração, daquilo que se pode chamar de “a alma” e que chamei de “Eu Superior”. Não se trata da alma na qual um juiz pensa quando passa a sentença de morte e pede ao Senhor que

tenha misericórdia da alma do condenado. É o Espírito Santo da fé cristã, a parte mais divina do ser humano, que habita na eternidade. Em nosso empenho, quanto mais dela nos aproximarmos, maior será a paz mental que iremos sentir. Pode-se encontrá-la e senti-la mesmo enquanto os pensamentos continuam a se mover pela mente, embora necessariamente venham a ser pensamentos da mais elevada natureza, pois os de natureza inferior não poderiam entrar durante esse estado.



O ponto no coração é um foco para meditação e também uma experiência durante a meditação. Entretanto, quando ascende ao supremo caminho, você desconsidera o coração, pois o Eu Superior nada tem a ver com localidades nem com nenhum tipo de geografia; não pode ser medido.



Embora o Espírito Infinito exista em toda e qualquer parte, paradoxalmente não pode ser encontrado desse modo antes que seja inicialmente encontrado no próprio coração. Mas é também verdade que, para encontrá-Lo em sua plenitude no eu interior, temos de compreender a natureza do mundo exterior.



Aquilo que está no coração de toda a existência – na do mundo e na sua – deve ser real, se é que algo pode ser real. O mundo pode ser uma ilusão, seu ego uma ficção, mas a essência suprema não pode ser nem uma coisa nem outra. A Realidade tem de estar aqui ou em lugar algum.



Livros de Paul Brunton publicados no Brasil pela Editora Pensamento

A Índia Secreta

O Caminho Secreto

O Egito Secreto

Mensagem de Arunachala

Um Eremita no Himalaia

A Busca do Eu Superior

A Realidade Interna

A Sabedoria Oculta além da loga

A Sabedoria do Eu Superior

A Crise Espiritual do Homem

Idéias em Perspectiva

(Volume 1 de *The Notebooks of Paul Brunton*)

A Busca

(Volume 2 de *The Notebooks of Paul Brunton*)

Continua

Práticas para a Busca Espiritual:
Relax e Solitude
(Volume 3 de *The Notebooks of Paul Brunton*)

Sínteses editadas por colaboradores:

Meditações para Pessoas em Crise
(Organizado por Sam e Leslie Cohen)

Meditações para Pessoas que Decidem
(Organizado por Paul Cash)

O Que é o Karma?
(Organizado por Paul Cash)

Livros de Paul Brunton inéditos no Brasil:
Indian Philosophy and Modern Culture
Essays on the Quest

Editora Pensamento
www.pensamento-cultrix.com.br

THE NOTEBOOKS OF PAUL BRUNTON

- Volume 1 – Perspectives
- Volume 2 – The Quest
- Volume 3 – Practices for the Quest / Relax and Retreat
- Volume 4 – Meditation / The Body
- Volume 5 – Emotions and Ethics / The Intellect
- Volume 6 – The Ego / From Birth to Rebirth
- Volume 7 – Healing of the Self / The Negatives
- Volume 8 – Reflections of my Life and Writings
- Volume 9 – Human Experience / The Arts in Culture
- Volume 10 – The Orient
- Volume 11 – The Sensitives
- Volume 12 – The Religious Urge / Reverential Life
- Volume 13 – Relativity, Philosophy and Mind
- Volume 14 – Inspirations and the Overself
- Volume 15 – Advanced Contemplation / The Peace Within You
- Volume 16 – Enlightened Mind, Divine Mind

Larson Publications
www.larsonpublications.com



IRDIN

Editora sem fins lucrativos.

Destina-se a difundir informações
que promovam a expansão da
consciência do ser humano.

Para conhecer as obras
publicadas visite:

www.irdin.org.br

Tal qual um diamante a refletir
em todas as direções a luz nele
incidida, assim Paul Brunton, em
seus *Notebooks*, iluminou os mais
variados campos do viver humano,
internos e externos. Neste pequeno
volume, uma seleção do tema
“vislumbres”, a Irdin Editora
apresenta uma das muitas faces do
autor. Que sirva de estímulo aos
que fazem a Busca e ousam
aspirar ao Infinito.

ISBN 978-85-86910-45-6



9788586910456